

Autor e Autoria

- Entendemos o Conceito de Autoria como uma função, um dispositivo constituído historicamente e que agrupa os discursos, controla sua circulação, vigiando-lhes a legitimidade e a responsabilidade. (Foucault, 2004)
- A modernidade é o momento de individualização na história das ideias, do conhecimento, da literatura. É uma formação histórica que conferiu ao homem a concepção de sujeito cartesiano centrado, senhor de seu verbo e de suas ações.
- Segundo Foucault (2006), nem sempre o discurso foi um bem sobre o qual se detém propriedade. As regras de produção e reprodução das obras aparecem no século XVIII.

- Segundo Chartier (1999), a invenção da propriedade literária deve muito a campos de saber como a estética da originalidade e a teoria do direito, e tem no advento do *copyright* o dispositivo que legitima e ampara suas práticas.
- Uma das ideias principais na contemporaneidade é o copyleft que é um acontecimento discursivo que deflagra a crise no dispositivo de autoria que norteou a modernidade.
- Hoje, o debate em torno da relação entre software livre e inclusão digital repercute na esfera cultural, em especial a questão da regulamentação da difusão dos conteúdos em rede, a partilha de informações e o acesso aos bens culturais.

- A emergência de um espaço em que os textos estão dispostos em rede, como a internet, provoca novas práticas e reclama uma relação diferente com o autor.
- Debates em torno da pirataria, do software livre versus software proprietário, são apenas alguns temas recorrentes que ilustram essas polêmicas na contemporaneidade.
- O autor moderno é regulado segundo um regime de propriedade sobre os textos: um conjunto complexo de regras a propósito de direitos sobre produção e reprodução textuais, relações entre autores e editores.

- Nem sempre a exposição intelectual de palavras e idéias significou tomar posse de um bem (texto) sob o signo da propriedade.
- A função-autor está relacionada a uma esfera jurídica que articula os discursos sobre a autoria. A modernidade regula a circulação dos textos na personificação do autor como seu foco coeso e organizador.
- Essa regência é constitutiva de uma formação histórica que tem, na representação do sujeito, a imagem do indivíduo dotado de uma identidade fixa, bem como na propriedade um regime de organização social.

- O Movimento do Software Livre emerge na década de 80 como um contradiscurso ao mercado das tecnologias. Este, amparado pelo discurso jurídico dos direitos autorais, constitui a prática de patentear softwares e cobrar royalties.
- O MSL propõe uma licença alternativa ao copyright, a Licença Pública Genérica (GPL), polemizando as práticas discursivas que representam o autor moderno.
- Os termos "*copyright*" e "*copyleft*" circulam associados, respectivamente, às posições políticas "direita" e "esquerda". A concepção do copyleft vem sendo debatida no campo de produções culturais, em que intelectuais se mobilizam a favor de uma nova concepção de cultura e comunicação.

- O movimento hacker (Contra-Cultura) apresenta diferenças em seu interior, não sendo, de maneira nenhuma, um todo homogêneo. Interessa-nos, particularmente, compreender as características do movimento que se constituíram no interior do laboratório do MIT, de onde emergiram manifestações que, na década de 80, resultam na organização do Movimento do Software Livre e a proposição do copyleft.
- **Três eixos ameaçam o dispositivo de autoria:**
 1. campos do saber que discutem as questões da autoria;
 2. Emergência de novos suportes de produção, distribuição e consumo de obras;
 3. As formas de subjetivação, poder e resistência que se inventam.

▪ COPYRIGHT –

- Estética da Originalidade;
- Teoria do Direito natural;
- Genialidade;
- Propriedade;
- Sujeito;
- Ponto de Fuga;
- Controle da Produção e Distribuição centralizados;
- Objetos Discretos;
- Obra com Produto;
- Sistema Econômico Mercantilista;

▪ COPYLEFT –

- Estética Relacional;
- Produção Coletiva;
- Participação;
- Interação;
- Modos de Subjetivação;
- Usuário Gerador de Conteúdo;
- Teoria das Redes (do Labirinto as redes estruturadas)
- Objetos Processuais;
- Sistema como Obra;
- Vários Sistemas Econômicos;

- Foucault (2006) a figura do autor institui o que ele chama de vigilância sobre a proliferação do sentido, na medida em que sua função cuida de forjar um foco de coerência e sentido, segundo o funcionamento do autor-obra.
- **Três eixos ameaçam o dispositivo de autoria:**
 1. campos do saber que discutem as questões da autoria;
 2. Emergência de novos suportes de produção, distribuição e consumo de obras;
 3. As formas de subjetivação, poder e resistência que se inventam.

As Redes

Exemplos de Redes, seus Padrões de Regularidade e suas Estruturas

1. Redes de Estruturas de Arquitetura Rígida – são redes construídas em três dimensões.
2. Redes de Transporte – são redes de ligação;
3. Redes de Comutação de Mensagens – possuem nó de partida e nó de chegada;
4. Redes de Fila de Espera – são redes de comunicação de mensagens ou de caminho que comportam em cada nó uma estação de serviço;
5. Redes Eletrônicas Lógicas ou Digitais – em todos os níveis o funcionamento é o mesmo, isto é, os terminais de entradas são colocados em 0 e 1 e terminais de saída também;
6. Redes de Autômatos – tratam-se de microprocessadores de autômatos abstratos idênticos que tem suas entradas umas sobre as outras.
7. Redes Relacionais – são redes sem existência tecnológica, redes de diagramas de fluxo, redes de fluxo, redes potenciais, etc...

Conceitos sobre a Rede

Gilles Deleuze e Félix Guattari – Rizoma;

Michel Serres – Multitemporalidade;

Bruno Latour e Michell Callon – Redes de Transformação;

Lúcia Santaella - Sujeito, Subjetividade e Identidade no Ciberespaço;

Lúcia Leão – Estética do Labirinto.

Michel Foucault – Subjetividade

A disciplina é a própria *(micro)física do poder*, instituída para *controle e sujeição* do corpo, com o objetivo de tornar o indivíduo *dócil e útil*: uma política de coerção para domínio do corpo alheio, ensinado a fazer *o que queremos e a operar como queremos*.

O objetivo de produzir *corpos dóceis e úteis* é obtido por uma dissociação entre corpo individual, como capacidade produtiva, e vontade pessoal, como poder do sujeito sobre a energia do corpo.

O estudo do conceito de disciplina, como política de controle e domínio da energia produtiva individual nas sociedades modernas, é estruturado por elementos e princípios específicos.

Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade

As redes sempre tiveram o poder de produção de subjetividade e do pensamento, Mas era como se elas fossem dominadas por uma hierarquização social que nos impedia de pensar de forma rizomática.

Rizoma - "Em botânica, chama-se rizoma a um tipo de caule que algumas plantas verdes possuem, que cresce horizontalmente, muitas vezes subterrâneo, mas podendo também ter porções aéreas. O caule do lírio e da bananeira são totalmente subterrâneos, mas certos fetos desenvolvem rizomas parcialmente aéreos. Certos rizomas, como em várias de capim (gramíneas), servem como órgãos de reprodução vegetativa ou assexuada, desenvolvendo raízes e caules aéreos nos seus nós. Em outros casos, o rizoma pode servir como órgão de reserva de energia, na forma de, tornando-se tuberoso, mas com uma estrutura diferente de um tubérculo ."

Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade

O conceito rizoma funciona como a porta de entrada ao pensamento deleuze-guattariano, porta cujo local de aparição é variável, indeterminado, vagamente dado, uma porta pela qual entramos e caminhamos a qualquer lugar destes platôs: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. O rizoma "(...)" é feito de direções móveis, sem início nem fim, mas apenas um meio, por onde ele cresce e transborda, sem remeter a uma unidade ou dela derivar". (PELBART, 2003: 216) O rizoma não é um sistema hierárquico, é "(...)" uma rede maquina de autômatos finitos a-centrados" (DELEUZE e GUATTARI, 2004: 28), não-significante e heterogêneo. Não há uma força coordenadora dos movimentos, o rizoma é uma circulação de estados, uma combinação anômala cujos resultados não podemos prever ou organizar, pois ele está sempre em um meio.

*Rizoma: uma introdução aos Mil Platôs de Deleuze e Guattari
Cléber Cabral e Diogo Borges*

Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade

Um conjunto de devires e sempre um intermezzo - tais seriam as proposições constitutivas de um rizoma, lembrando que o rizoma trata-se de produção de inconsciente e de novos enunciados e de outros desejos. No trajeto esboçado ao longo dos cinco volumes de Mil Platôs, podemos compreender como os conceitos possuem uma conectividade - variável e indeterminada - sem que haja uma unidade ou um conceito determinante para o funcionamento de tal rede de conexões conceituais. O rizoma funciona como um princípio cosmológico, caixa de ferramentas, um sistema aberto.

*Rizoma: uma introdução aos Mil Platôs de Deleuze e Guattari
Cléber Cabral e Diogo Borges*

Michel Foucault – Subjetividade

Os princípios da disciplina são constituídos pelo método de adestramento dos corpos: a vigilância hierárquica, a sanção normalizadora e o exame.

1) A vigilância hierárquica existe como um sistema de poder sobre o corpo alheio, integrado por redes verticais de relações de controle, exercidas por dispositivos/observatórios que obrigam pelo olhar, pelos quais técnicas de ver, operantes sobre a completa visibilidade dos submetidos, produzem efeitos de poder, como ocorre nas fábricas, por exemplo: permite o controle contínuo dos processos de produção e, assim, funciona como operador econômico inseparável do sistema de produção, da propriedade privada e do lucro.

Michel Foucault – Subjetividade

2) A sanção normalizadora existe como um sistema duplo de recompensa (promoção) e de punição (degradação), instituído para corrigir e reduzir os desvios, especialmente mediante micro-penalidades baseadas no tempo (atrasos, ausências), na atividade (desatenção, negligência) e em maneiras de ser (grosseria, desobediência), fundadas em leis, programas e regulamentos, em que a identidade de modelos determina a identificação dos sujeitos.

3) O exame representa a conjugação de técnicas de hierarquia (vigilância) com técnicas de normalização (sanção), em que relações de poder criam o saber e constituem o indivíduo como efeito e objeto de relações de poder e de saber.

Michel Foucault – Subjetividade

Na concepção de FOUCAULT, o panótico é o dispositivo do poder disciplinar, como sistema arquitetural constituído de torre central e anel periférico, pelo qual a visibilidade/separação dos submetidos permite o funcionamento automático do poder: a consciência da vigilância gera a desnecessidade objetiva de vigilância.

De fato, a subjetividade é uma expressão de nossas relações com as coisas, através da história, então o modo mais imediato que esta relação se expressa é o corpo, entendido não apenas como corpo orgânico, mas também pelo corpo construído pelas relações com as coisas que se encontra durante sua existência. Quando dizemos de um modo um tanto cru que o corpo é um corpo das relações isso significa que o corpo envolve, então, o encontro com as coisas, ficando subentendido que uma coisa pode ser um outro corpo, orgânico ou inorgânico, uma idéia uma imagem, etc. Esta relação com o tempo nos remete ao que Foucault denominou de *“Estética da Existência”*.

Deleuze – Rizoma

Deleuze defende que as configurações institucionais que caracterizavam as sociedades disciplinares – a família, a escola, a fábrica, o hospital etc. –, bem como seus procedimentos funcionais rígidos, estariam passando por uma crise generalizada, dando lugar às chamadas sociedades de controle.

Não mais a lógica do confinamento, que forjava moldagens fixas, antes sim modulações flexíveis, redes líquidas, moventes: “O homem da disciplina era um produtor de descontinuidade e energia, mas o homem do controle é antes um produtor de continuidade e tração num feixe contínuo”.

Por Marcos Guilherme Belchior de Araújo

Rizoma: uma introdução aos Mil Platôs de Deleuze e Guattari

Cléber Cabral e Diogo Borges

Sociedade de controle e capitalismo rizomático

Por Marcos Guilherme Belchior de Araújo

Deleuze – Rizoma

“A nova medicina” que, da mesma forma, se exorciza à sua circunstancial razão de ser – médico e paciente – para fazer circular discursos sobre nutrição, longevidade, ideais de corpo e de saúde, verdadeiros discursos com força de lei moral que são lançados pelas redes midiáticas e que fazem com que cada um vigie a si mesmo continuamente (não importa onde nem quando) e se avalie de acordo com critérios alheios.

Na crise da escola, observamos a circulação e a interação com outros veículos de conhecimento, como programas de educação à distância, a mediação do computador nas novas relações de ensino/aprendizagem, como também a presença cada vez mais comum dos infindáveis cursos de formação permanente e a necessidade paranóica de que nunca se chega a lugar algum, de que há sempre mais para saber, para aprender, para explorar.

Sociedade de controle e capitalismo rizomático
Por Marcos Guilherme Belchior de Araújo

Deleuze – Rizoma

Os processos de produção de subjetividade obedecem a formas de produção social que lhe são coextensivas, assistimos à passagem de um modo de produção de subjetividade disciplinar para outro, do controle.

Na sociedade disciplinar, a produção de subjetividade estava submetida à lógica funcional de suas instituições fechadas, a moldes institucionais rígidos, fixos, com suas regras de tempo, espaço e comportamentos estritamente delimitados. As instituições fornecem ainda um lugar (a sala de aula, a oficina, o lar etc.) onde se opera a produção de subjetividade: “As diversas instituições da sociedade moderna deveriam ser consideradas como um arquipélago de fábricas de subjetividade. No decurso de uma vida, um indivíduo entra nessas diversas instituições (da escola à caserna e à fábrica) e delas saem de maneira linear, por elas formado. Cada instituição tem suas regras e lógicas de subjetivação (...)”.

*Sociedade de controle e capitalismo rizomático
Por Marcos Guilherme Belchior de Araújo*

Deleuze – Rizoma

Na sociedade de controle, ainda segundo Hardt, deparamo-nos com outros dispositivos de subjetivação não limitados a lugares específicos, mas que agem através de uma disseminação e de um desmantelamento próprios da máquina capitalista, que melhor funciona quanto maior for seu nível de esfacelamento e dispersão: "A não-definição do lugar da produção corresponde à indeterminação da forma das subjetividades produzidas. As instituições sociais de controle no império poderiam, portanto, ser percebidas em um processo fluido de engendramento e de corrupção da subjetividade".xv

Às duas leituras sobre produção de subjetividade – na sociedade disciplinar e na de controle – se fazem acompanhar máquinas abstratas para cada configuração institucional e com elas se confundem.

*Sociedade de controle e capitalismo rizomático
Por Marcos Guilherme Belchior de Araújo*

Deleuze – Rizoma

Essa nova versão do capitalismo revela outras faces muito particulares quando nos referimos a máquinas abstratas de controle e ao controle de forma geral. Se por máquinas abstratas entendermos determinados planos ou programas de subjetivação a céu aberto, ora localizáveis ora difusos, que ao mesmo tempo exigem um convênio recíproco, nossa participação ativa para modular nosso próprio controle, concluímos que, na nova versão rizomática do capitalismo, a questão do controle também segue a lógica de uma flutuação a-centrada, também acompanha o “livre” curso dos novos empreendedores. Pois uma vez que se passa a requerer mobilidade e criatividade, ao contrário de automatismo local e repetição serial, o problema do controle vem à tona: “... como controlar o incontrolável, a criatividade, a autonomia e a iniciativa alheias, senão fazendo com que as equipes auto-organizadas se controlem a si mesmas?”.

*Sociedade de controle e capitalismo rizomático
Por Marcos Guilherme Belchior de Araújo*

Deleuze – Rizoma

Temos, portanto, uma passagem do controle ao auto-controle, da cota de participação conferida a cada um, não só no tocante aos meios de produção, agora mais fluidos e autônomos, mas também do ponto de vista de um acompanhamento mais imanente, mais relacional entre processos de produção e afectos individuais, já que o sucesso de qualquer empreendimento no capitalismo conexcionista depende do grau de envolvimento vital de cada trabalhador – controlato de si próprio.

Envolvimento vital:

“De repente os aspectos mais humanos do homem, seu potencial, sua criatividade, sua interioridade, seus afectos, tudo isso que ficava de fora do ciclo econômico produtivo, e dizia respeito antes ao ciclo reprodutivo, torna-se a matéria-prima do próprio capital, ou torna-se o próprio capital. Isso tudo que antes pertencia à esfera privada, da vida íntima, ou até mesmo do que há de artístico no homem, daquilo que caracteriza mais o artista do que o operário, passa a ser requisitado na produção.

Sociedade de controle e capitalismo rizomático
Por Marcos Guilherme Belchior de Araújo